

**IDENTIDADE FEMININA E PROBLEMAS DE
ENSINO-APRENDIZAGEM EM “A MULHER ESCONDIDA
NA PROFESSORA: UMA LEITURA PSICOPEDAGÓGICA DO
SER MULHER, DA CORPORALIDADE E DA
APRENDIZAGEM”**

Edith Piza*

Fernández, Alicia. Porto Alegre: *Artes Médicas*, 1994. 182 páginas. trad.: Neusa Kern Hickel.

Alicia Fernández é argentina, psicopedagoga, e desenvolve trabalhos na área da psicopedagogia com adultos e crianças e com grupos de mulheres e professoras. Suas atividades psicopedagógicas em Buenos Aires têm se estendido até o Brasil, com trabalhos realizados com grupos de professoras e psicopedagogas em Porto Alegre-RS.

Em estudo anterior, *A inteligência aprisionada*, a autora dedicara-se a analisar as graves conseqüências para a constituição da subjetividade das crianças e sua capacidade de aprendizagem que uma educação baseada na omissão ou desmentido, dentro do grupo familiar, pode acarretar. *A mulher escondida na professora* vem agora acrescer aquela obra de minuciosa reflexão sobre como se constroem as diferenças de gênero, baseadas nas diferenças sexuais e que destino toma a aprendizagem de homens e mulheres ensinados por outras mulheres.

A autora esmiuça os aspectos psicanalíticos da construção de uma corporalidade feminina (que ela distingue do organismo biológico), a qual é atravessada por significados culturais que informam homens e mulheres sobre como cada um deve aprender e o que deve ser omitido e desmentido no processo de ensino aprendizagem, para que as identidades femininas e masculinas sejam construídas e formas específicas de ensino sejam instaladas.

O primeiro aspecto da construção da corporalidade da professora fica evidente quando a autora comenta a impossibilidade de alunos da escola primária argentina

* Doutoranda em Psicologia Social na PUC-SP.

chamarem suas professoras pelo nome. O uso (em espanhol) da expressão “señorita” (que equivaleria ao nosso “tia”) é o primeiro sinal de que a professora é identificada como alguém cuja dimensão sexual é atenuada, não importando para a instituição escolar se ela é casada, tem filhos, ou uma vida sexual de outra ordem. Ela será, independentemente de seu estado civil, sempre a “señorita”, acrescentada de um avental que lhe cobre o corpo, a roupa, talvez a própria inteligência.

É este corpo assexuado, com uma inteligência encapsulada pelas tramas da cultura, que se ocupará da educação de crianças (meninos e meninas) que, futuramente, construirão corpos sexuados, nos quais o desejo de conhecer será também omitido, numa seqüência infinita de reprodução de inteligências doentias, necessitadas de um trabalho psicopedagógico que lhes devolva o prazer de conhecer, aprender e ensinar.

As mulheres professoras que Alicia Fernández nos traz são criaturas infelizes, saturadas do discurso maternal e da reprodução permanente de valores domésticos no espaço do magistério. Descobrem-se como mulheres, desejosas de conhecimento, exercendo livremente seu saber, através de um doloroso aprendizado sobre as falsas imagens femininas, as proibições e omissões que ergueram a pesada muralha entre elas e o prazer de serem, a um só tempo, um corpo e uma inteligência capaz de obter e dispensar prazer, no duplo papel de “ensinantes” de seus filhos, companheiros, alunos e “aprendentes” do que lhes ensinam seus filhos, seus companheiros e seus alunos.

Na perspectiva psicopedagógica de Alicia Fernández, ensinar e aprender são faces de um mesmo processo e a uma inteligência sadia corresponde a posse sadia de uma sexualidade que se expressa (no nível do conhecimento) na curiosidade, no questionamento, na capacidade crítica e na autoria do pensamento. Para as mulheres, estas qualidades são desestimuladas, pois, nas culturas patriarcais, mulheres são seres a quem estas qualidades podem transformar em “machonas” ou para usar a terminologia psicanalítica, em “fálicas”. Compatibilizar o desejo e as imagens negativas é o resultado, nas sociedades patriarcais, de esforços intensos de mulheres, na busca de uma vida sadia.

Fernández nos traz, assim, uma perspectiva extremamente importante para se abordar o trabalho de magistério e seus inúmeros aspectos ligados ao drama das professoras: o jogo simbólico entre ser mulher e ser inteligente, ou mais especificamente, ser mulher e desfrutar de seu saber, sua inteligência e sua saúde. Este texto nos toca especialmente quando focaliza a questão dos desacertos entre a pedagogia que se deseje ver aplicada pela professora e as impossibilidades inconscientes que esta mulher apresenta para desempenhar adequadamente seu papel de mestra, voltada

para acolher e impulsionar as inteligências postas sob seus cuidados. Uma reflexão como a que Fernández desenvolve certamente desencadeará nas(os) leitoras(es) o desejo de buscar e compreender seus próprios medos e ansiedades face ao aprender e ensinar.

Entre suas muitas qualidades, esta obra apresenta um problema que frequentemente nasce das análises psicanalíticas: a impressão de que, se as professoras desenvolverem o auto-conhecimento, os problemas educacionais se resolverão pela soma dos atos individuais de vontade. A complexidade da questão está além do auto-conhecimento. Está, também, nos objetivos educacionais institucionais, nos processos inadequados de formação profissional de professores, na ausência de estímulos externos que alimentem o desejo de mudar. O desencanto com a profissão, a queixa paralisante, o “desejo de não desejar” que caracterizam muitos dos profissionais do magistério reside também nos fatores sociais que envolvem o magistério e o uso que a sociedade faz das imagens femininas da cultura patriarcal. Destaca-se também, nesta obra, o modelo familiar tradicional e heterossexual que orienta a reflexão. Mulheres professoras que estivessem fora deste padrão não apresentariam problemas cognitivos? Precisariam de um tratamento psicopedagógico que as trouxesse para o interior da feminilidade heterossexual que desemboca na família tradicional? O espaço do magistério como espaço feminino não seria um fator de ansiedade para as próprias mulheres professoras, que convivem pouco com a diferença em seus locais de trabalho e para seus alunos (meninos), que em alguns casos resistem em valorizar um espaço só de mulheres?

Talvez estas perguntas não pertençam ao escopo desta obra, mas são ainda perguntas a serem respondidas por estudos sobre magistério e trabalho feminino.